

## À memória do Dr. João Teles

Um dia, em 1956 (talvez nas férias da Páscoa, já lá vão sessenta anos), mostrei ao Dr. João (era assim que toda a gente a tratava) as minhas notas como aluno do 6º ano do Liceu D. João III. Mal viu que o Dr. Alberto Martins de Carvalho me tinha dado dezasseis valores a Filosofia, reagiu deste modo: por este caminho, ainda te hei-de ver professor da Universidade. O Dr. João Teles conhecia o Dr. Martins de Carvalho porque, segundo me disse, tinha participado com ele em júris de exames de estado. E tinha por ele uma enorme consideração, falando-me sempre com muito respeito pelo seu saber, pelo seu rigor e pela sua exigência.

O Dr. João morreu cedo. Deixou-me muitas saudades. Guardo dele o exemplo de uma vida digna e considero-me devedor, para com ele, de uma dívida que não pagarei. Consola-me saber que ele não queria nenhuma paga a não ser a minha amizade. E essa aumentará sempre enquanto eu viver. Bem como a gratidão que lhe devo. Porque ele mudou a minha vida: sem ele, eu poderia ter sido funcionário de uma Câmara Municipal, funcionário das Finanças ou funcionário da secretaria de um qualquer tribunal. Mas nunca teria feito uma licenciatura e nunca teria sido professor da Universidade.

O Dr. João Cermenho de Gusmão Monteiro Teles era filho de uma família aristocrática de Pinhel, a minha terra natal. E era professor efectivo dos liceus (título que invocava com frequência e de que muito se orgulhava). Em Pinhel o ensino público não ia além dos quatro anos da escola primária. Mas havia um Colégio cujo alvará pertencia à Câmara Municipal. O Dr. João Teles foi Director deste Colégio pouco depois de ter concluído a licenciatura em Histórico-Filosóficas (foi nessa altura professor do meu primo Mário Canotilho e da minha prima Julieta Avelãs Saraiva, que viriam a licenciarse em Coimbra, em Direito e em Românicas, respectivamente). Regressou a Pinhel e à direcção do Colégio no ano lectivo de 1954-1955, com o propósito de fazer companhia aos pais, já avançados na idade.

Foi meu professor de História nesse ano lectivo. Com ele aprendi a importância do conhecimento da História para quem quer compreender o mundo. O Dr. João estava longe de ser marxista, mas não via a História como um somatório de batalhas e de feitos heróicos atribuídos a pessoas importantes e tinha a noção de que são os povos que fazem a História.

Ele considerava-se um conservador, mas, no plano social, contrariava as regras da aristocracia, defendendo que deveriam proporcionar-se aos mais capazes os meios para progredir na vida, independentemente dos meios financeiros. Não sei se era crente, mas nunca o vi na Igreja nem em qualquer prática religiosa. Mas era um homem solidário e o seu quadro de valores era de molde a que, um dia, em conversa (muito gostava ele de

conversar comigo e eu com ele!), me tenha dito: quero que saibas que as duas únicas pessoas neste mundo por quem eu poria as mãos no fogo são dois comunistas, tu e o teu primo Mário. Isto muito antes do 25 de Abril. Recordo que fiquei paralisado, como que esmagado pela responsabilidade que senti de merecer a confiança que esta fala significava, ainda por cima vendo-me associado ao Mário, que era um ídolo para mim.

Pois bem. O Dr. João entendeu que eu tinha capacidade para fazer um curso universitário e fez tudo para convencer os meus pais a deixarem-me continuar os estudos. Os meus pais (alfaiate e costureira) não tinham a mínima possibilidade de me ajudar, porque queriam que os meus quatro irmãos também estudassem (para eles, ‘estudar’ era fazer o 5º ano...) e dois deles esperavam já a sua vez de entrar no Colégio. Isso não é problema, disse-lhes o Dr. João. Vamos já matriculá-los e não se preocupem com o pagamento: pagam quando puderem. Quanto ao António, não têm que gastar nada, só têm que o deixar ir para Coimbra. Lá, eu tenho a possibilidade de lhe conseguir almoço de graça na cantina do Liceu (era da Mocidade Portuguesa...) e uma bolsa de trezentos escudos por mês durante os dez meses do ano lectivo. E isso chega-lhe para ele viver. E assim vim para Coimbra, com a ajuda da minha prima Julieta, que me pagou os livros. Desde então, venho vivendo à custa do que ganho com o meu trabalho: bolsas, salários e pensão de reforma.

Dando razão ao vaticínio do Dr. João, acabei mesmo por ser professor da Universidade. Foi ele que definiu a minha vida. Por isso lhe estou grato e grato serei enquanto vivo for. Por isso o recorde no pórtico deste livro de História, escrito sessenta anos depois de ter sido seu aluno de História no meu 5º ano, no Colégio de Pinhel.

## Nota Breve

A Economia Política nasceu no século XVIII, com o capitalismo, e nasceu como *ciência burguesa*. Por isso, a compreensão da história da génese do capitalismo é, a meu ver, fundamental para entender o contexto em que surgiu a ciência económica. Mas aquela compreensão é igualmente indispensável para enquadrar correctamente as origens e o significado da *nova ordem jurídica burguesa*.

A preocupação de ajudar os jovens alunos da Licenciatura em Direito na Faculdade de Direito de Coimbra a compreender isto mesmo levou-me a incluir esta matéria no programa da *disciplina de Economia Política* que regi, durante quatro décadas, nesta Faculdade.

Esta é, pois, a origem do livrinho que agora vem a lume, com a chancela da Página a Página. O propósito desta edição é o de tornar o texto mais acessível não só aos alunos da FDUC, mas a outros públicos: professores de História do ensino secundário (que, durante anos após o 25 de Abril, foram os grandes divulgadores do meu livro *Os Sistemas*

*Económicos*, que incluía um capítulo sobre a *Revolução Francesa*), estudantes de outras Faculdades de Direito e de outras licenciaturas (História, Economia, Jornalismo, Sociologia) e o público leitor em geral (trata-se de um livro de divulgação, que não tem outras pretensões que não seja a de ser honesto, claro e útil).

Coimbra, Novembro/Dezembro de 2016

António José Avelãs Nunes